

IDENTIDADES, FRONTEIRAS E MISTIÇAGENS CULTURAIS. O CASO DOS RESIDENTES DE GIBRALTAR

IDENTITIES, BORDERS AND CROSSBREEDING. THE CASE OF THE RESIDENTS OF GIBRALTAR

IDENTITÉS, FRONTIÈRES ET MÉTISSAGE. LE CAS DES RÉSIDENTS DE GIBRALTAR

IDENTIDADES, FRONTERAS Y MESTIZAJE. EL CASO DE LOS RESIDENTES DE GIBRALTAR

Sandra Borges Gilotay

Instituto de Estudos Campogibaltareños, Espanha

Olga Magano

Universidade Aberta, Lisboa, Portugal

RESUMO: A construção das identidades é um processo complexo e contínuo que inclui experiências individuais e coletivas. Neste artigo, analisa-se a complexidade cultural e identitária dos residentes de Gibraltar por meio de um estudo exploratório e qualitativo. Trata-se de um território único no continente europeu e com certos vínculos coloniais devido ao seu passado de conquistas de disputas fronteiriças entre Espanha e Inglaterra. Além da comprovação de distintas origens culturais e geográficas, foi possível perceber, uma dinâmica intercultural entre os seus habitantes, em que a pluralidade e a mestiçagem de culturas conjugam um papel importante no processo construtivo e identitário dos seus residentes, permitindo não só uma integração no seu meio social, mas uma reconfiguração de suas pertencas, despertando um sentimento comum de convivência, além do reconhecimento de seus próprios limites culturais.

Palavras-chave: Gibraltar, cultura, identidade, fronteira, mestiçagem.

ABSTRACT: The construction of identities is a complex and continuous process that includes individual and collective experiences. In this article, identity and cultural complexity of the residents of Gibraltar analysed through an exploratory and qualitative study. It is a unique territory in the European continent and with certain colonial links due to its past of conquests and border disputes between Spain and England. In addition to the evidence of distinct cultural and geographical origins, it was possible to perceive an intercultural dynamic among its inhabitants, in which plurality and crossbreeding of cultures play an important role in the constructive and identity process of its residents, allowing not only an integration in their social environment, but a reconfiguration of their belonging, awakening a common feeling of coexistence, in addition to the recognition of their own cultural limits.

Keywords: Gibraltar, culture, identity diversity, border, mixture.

RÉSUMÉ: La construction des identités est un processus complexe et constant qui inclut des expériences individuelles et collectives. Cet article analyse la complexité culturelle et identitaire des résidents de Gibraltar à travers une étude exploratoire et qualitative. Un territoire unique sur le continent européen avec certains liens coloniaux, en raison de ses conquêtes passées dans les conflits frontaliers entre l'Espagne et l'Angleterre. En plus de l'évidence de différentes origines culturelles et géographiques, il existe une dynamique interculturelle parmi ses habitants, dans laquelle la pluralité et le métissage des cultures ont un rôle important dans le processus constructif et identitaire de ses résidents. Ce métissage culturel permet non seulement une intégration dans leur environnement social, mais aussi une reconfiguration de leur appartenance, provoquant un sentiment commun de coexistence, ainsi que la reconnaissance de leurs propres limites culturelles.

Mots-clés: Gibraltar, culture, identité, frontière, métissage.

RESUMEN: La construcción de las identidades es un proceso complejo y continuo que incluye experiencias individuales y colectivas. En este artículo se analiza la complejidad cultural e identitaria de los residentes de Gibraltar mediante un estudio exploratorio y cualitativo. Un territorio único en

el continente europeo con ciertos vínculos coloniales, debido a sus pasadas conquistas y disputas fronterizas entre España e Inglaterra. Además de la evidencia de los distintos orígenes culturales y geográficos, existe una dinámica intercultural entre sus habitantes, en la que la pluralidad y el mestizaje de culturas conjugan un papel importante en el proceso constructivo y la identidad de sus residentes. Este mestizaje cultural permite no sólo una integración en su entorno social, sino una reconfiguración de su pertenencia, despertando un sentimiento común de convivencia, además del reconocimiento de sus propios límites culturales.

Palabras-clave: Gibraltar, cultura, identidad, frontera, mestizaje.

1. Introdução

Esta investigação¹³ surgiu após um período de convivência pessoal com o território de Gibraltar que, apesar de se encontrar no sul de Espanha, integra o território britânico. Na aproximação à região, avista-se – desde logo - a imposição geológica do rochedo com os seus 426 metros de altura, dividindo geograficamente o continente europeu e africano, caracterizando assim, o seu próprio limite fronteiriço. Ao cruzar a fronteira entre Gibraltar e Espanha observa-se um grande fluxo de pessoas, turistas, comerciantes, e sobretudo, trabalhadores de diversas origens da Espanha, como de outros países europeus e do norte de África, que atraídos pelas excelentes condições económicas atravessam a fronteira diariamente em cumprimento de suas jornadas laborais, e são considerados atualmente pelo governo de Gibraltar como trabalhadores fronteiriços¹⁴. É em razão deste grande número de movimento de pessoas, de diferentes lugares e culturas, que desperta a atenção de como este território, de pequenas dimensões geográficas, conjuga este intenso intercâmbio cultural, social e económico. Diante desta expectativa, optou-se pela realização de um estudo exploratório sobre a cultura e identidade dos residentes de Gibraltar, com o objetivo de analisar, como a confluência destas diversas culturas moldaram as identidades dos seus habitantes, e qual é o sentimento de ser gibraltino, independentemente de suas origens geográficas, sociais e culturais, assim como quais são os seus sentimentos de pertencimentos individuais e coletivos.

Este território encontra-se sobre domínio britânico e existem poucos estudos que focalizem a cultura e a identidade gibraltarina, uma vez que, a maioria das fontes consultadas incidem mais sobre as questões coloniais e menos sobre as questões culturais dos residentes de Gibraltar (Archer, 2006; Constantine, 2009). Portanto, neste estudo procurou-se investigar, além da complexidade cultural de Gibraltar, até que ponto existe uma identificação com a cultura britânica e espanhola, e o que pensam os seus residentes sobre a atual condição política de reivindicação de soberania e, quais são as influências que a fronteira com Espanha exerce, tanto de forma física como simbólica, tratando-se da cultura e da identidade dos gibraltarinos.

2. Gibraltar, um território singular

Gibraltar destaca-se por uma série de particularidades, começando por sua própria localização geográfica. Localizado no extremo sul da Península Ibérica, possui uma área de 6,8 km², com uma população de 34.003 mil habitantes, de acordo com os dados do censo de 2020 (*HM Government of Gibraltar*).¹⁵ Esta estreita faixa de água,

13 Este artigo decorre da realização da dissertação de mestrado em Relações Interculturais pela Universidade Aberta (Gilotay, 2018).

14 Trabalhadores transfronteiriços são aqueles que trabalham em um país e residem em outro país, fronteiriços. Informação disponível em: https://europa.eu/youreurope/citizens/work/work-abroad/cross-border-commuters/index_pt.htm

15 <https://www.gibraltar.gov.gi/statistics/key-indicators>

de apenas catorze quilómetros, que separa a Europa da África, é o único elo entre o Mar Mediterrâneo e o Oceano Atlântico. A posição estratégica, não só de Gibraltar, mas também da região nomeada Estreito de Gibraltar foi considerada um enclave geopolítico importante para muitos povos e culturas, uma vez que o acesso ao Mediterrâneo entre o continente europeu e o africano permitia o controlo e o domínio do comércio da região, o que explica o desejo de disputar do território nos últimos séculos (Archer, 2006). Considerado um território britânico ultramar desde 1713, após sua invasão em 1704, Gibraltar esteve também sob o domínio espanhol, além de outros povos originados do norte da África, assim como fenícios, gregos e romanos, conforme a ocupação de outras partes do sul da Espanha.



Figura 1: Mapa de Gibraltar

Fonte: <https://kids.britannica.com/kids/assembly/view/89351>.

Outra particularidade de Gibraltar centra-se na sua própria economia, que sempre esteve voltada para a captação de mão-de-obra estrangeira até aos dias atuais, um fator que acabou sendo determinante para a formação cultural e social da sociedade gibraltarina. Sua condição de porto marítimo era oportuna para a entrada, não só para comerciantes, mas para também a mão-de-obra vinda de outros lugares, dando lugar a diversas ondas migratórias. Eram mercantes de distintas origens, que vinham para fazer comércio e acabavam instalando-se no território, como foi o caso dos antigos judeus antes da expulsão muçulmana, os genoveses que faziam comércio marítimo em todo mediterrâneo, os espanhóis pela proximidade física, além doutras populações nativas do norte da África. No entanto, a maior influência, sem dúvida, foi a presença militar após a conquista pelas tropas ingleses (Archer, 2006; Constantine, 2009).

A questão linguística igualmente merece destaque, considerando o inglês o idioma oficial por ser um território britânico, porém, devido à proximidade fronteiriça com Espanha, o espanhol também passou a ser um idioma frequentemente utilizado, o que acabou por gerar um bilinguismo. Com a frequência dos dois idiomas, surgiu um fenómeno linguístico, localmente nomeado, *Yanito* ou *Llanito*¹⁶, que conforme

¹⁶As duas grafias são aceitas, e discute-se até os dias de hoje a etimologia das duas palavras. Kramer (1986), Ballantine (2000) y Britto (1996), preferem a grafia "ll" (llanito) porque atribuem a um gentílico

Ólafsdóttir (2016), é classificado como uma diglossia, ou a mistura das duas línguas que utiliza-se decorrente da situação no seu meio social. Ao mesmo tempo, a palavra *Yanito* pode ser atribuída à população nativa de Gibraltar como uma forma de identificação, ou como uma nomenclatura gentilícia, caracterizando assim, como uma das pertencas mais significativa na formação da identidade gibraltarina. Esta particularidade linguística proporcionou à população de Gibraltar o poder de se sentir único no seu próprio meio cultural e em seu próprio câmbio linguístico, diferenciando-se das distintas situações culturais, sociais entre ingleses e espanhóis (Archer, 2006).

A pluralidade religiosa também teve um papel pertinente na formação da sociedade gibraltarina, considerada uma das primeiras manifestações de pertencas, de integração, e sobretudo de mestiçagem cultural. Além da influência do domínio do catolicismo na região em relação ao anglicanismo, que era a religião do império britânico, como o Tratado de Utrecht de 1713¹⁷, assinado entre ingleses e espanhóis, proibia a ocupação de muçulmanos e judeus na península. Devido ao não cumprimento de certas regras por ambas as partes, os ingleses acabaram negando essa cláusula do Tratado, cedendo ao acordo que tinham com Marrocos, facilitando assim, o acesso aos judeus e muçulmanos originados do Norte da África no território em Gibraltar. Logo, todos os cultos acabaram sendo consentidos. Um exemplo desta manifestação de convivência religiosa foi a ocorrência de muitos casamentos entre diferentes origens religiosas, sobretudo entre judeus e católicos, o que contribui para uma melhor integração das duas comunidades religiosas (Constantine, 2009).

Outro acontecimento histórico importante que merece ser destacado é o fechamento da fronteira pelo general Franco entre Espanha e Gibraltar, desde 1969 a 1982, impedindo não só o fluxo de pessoas, mas também de mercadorias. Segundo Ballantine (2016), Espanha sempre manteve sua reivindicação histórica sobre Gibraltar, o que acabou causando instabilidade entre o governo britânico e espanhol, fazendo com que os habitantes do território permaneçam mais unidos entre si e, ao mesmo tempo, a favor do Reino Unido, embora nem sempre se submetessem às condições impostas pela colônia, reivindicando assim, de alguma forma a sua autonomia como população própria (Archer, 2006; Gold, 2010). As consequências dessas influências, segundo Constantine (2009), são uma população civil descendente de imigrantes, de padrões não tão britânicos, mas que pouco a pouco conseguiu alcançar um autogoverno, fundamentado nas leis e instituições britânicas, permanecendo até hoje como território ultramarino britânico e único na Europa

originado do latim, que quer dizer plano, (llano). Kellerman (1996) e Cabila (1984) optam pela grafia "y" (*yanito*) porque atribuem a origem genovesa, dado ao grande número de genoveses que emigraram para Gibraltar (Said-Mohand;2014).

¹⁷ A assinatura do Tratado de Utrecht de 13 de junho de 1713, cedeu o território de Gibraltar ao Reino Unido. Fonte disponível: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5683189>

Continental. Para o autor, os gibraltarinos poderiam ser considerados como uma própria nação com possíveis aspirações de um dia vir a ser um Estado.

3. A complexidade da construção dos processos identitários

Para tentar perceber melhor o dinamismo das identidades dos residentes de Gibraltar, além da análise histórico social da sociedade gibraltarina, recorreu-se a alguns aspetos teóricos no âmbito das dinâmicas identitária, no intuito de melhor compreender os seus sentimentos de pertença e suas formas de mestiçagens. Considerando que as relações entre as culturas sempre existiram, a sua dinâmica tem sido cada vez mais debatida, devido ao crescente aumento das interconexões globais que, dimensionadas pela modernidade e suas instituições atuais, sugerem novas proposições conceptuais no campo teórico, entre elas, as questões identitárias, uma vez que o indivíduo, ao viver numa comunidade tradicional e, ao sentir-se como um sujeito particular, não questionava a sua identidade tal como é entendida hoje (Kaufmann, 2004). É devido a esta percepção de existência, entre os distintos universos culturais e, de como eles se relacionam entre si, que as identidades passam a ser cada vez mais descentradas, deslocadas e fragmentadas, desvinculando assim, o indivíduo de algum grupo fechado ou de algum grupo específico (Hall, 2006). No mesmo sentido, é preciso ter uma noção da complexidade que as identidades exercem nos contextos sociais, e não apenas pelos seus aspetos plurais e dinâmicos, mas pelo significado das próprias experiências individuais e coletivas que as identidades permitem aos integrantes dos seus grupos, devido à constante fluidez no seu meio social (Elias, 1994). E sobretudo, porque não existe nenhuma identidade do “eu” sem a identidade do “outro”, ou do “nós” e os “outros”, já que as identidades são construídas no dia-a-dia, onde o outro se integra num processo construtivo de socialização, desenvolvido no interior dos contextos sociais por meio dos papéis sociais que costumam ser definidos e estruturados pelas instituições e as organizações das sociedades (Cuche, 2004; Castells, 1996; Giddens, 1990; Woodward, 2000).

Por outro lado, a identidade relaciona-se também com o que as pessoas entendem sobre si mesmas, e aquilo que é importante para elas. Estes entendimentos vão formando-se a partir dos atributos que as pessoas acreditam serem priorizados como fontes de identidades, como a orientação sexual, classe social, nacionalidade e assim por diante (Giddens, 2008:29). Enquanto, as identidades sociais estabelecem formas de similitudes com os outros, a identidade pessoal difere-se de outras, como uma constante negociação entre o indivíduo e o mundo que o rodeia, por meio de um processo de interação entre o “eu” e o seu meio social. E essa dicotomia, ente a identidade pessoal, que associa-se a uma noção de singularidade e a identidade social à noção de semelhança, representada pela própria subjetividade do indivíduo, no qual busca uma forma simultânea de identificação, que vai do eu ao nós, ou daquilo que se considera individual e daquilo que se considera social (Goffman, 1982;

Giddens, 1989). As identidades são resultados de uma construção social, por meio de um processo flexível e dinâmico, onde o indivíduo partilha as suas pertenças dependendo da interação entre os seus grupos sociais. Sendo assim, a identificação com um determinado grupo e a diferenciação com outros, vão formando as fronteiras das identidades. E quanto maior for o intercâmbio de identidades, mais o indivíduo pluraliza-se no seu meio social. Neste sentido, só afirmamos quem somos ou se pertencemos a um determinado grupo, quando existe um outro que não faz parte de nós. A identidade não é uma autorreferência, ao contrário, ela nasce e desenvolve da relação com outro, estando assim, diretamente associada à diferença (Barth, 2005; Castells, 1996; Cucho, 2004; Santos 2011). Para Maalouf (2015:16) as identidades não resultam apenas num mosaico, ou num aglomerado de pertenças autónomas e justapostas, elas são vividas no seu todo, compondo laços que unem os indivíduos por meio de suas múltiplas pertenças.

Outro aspeto construtivo na formação das identidades é a questão cultural, considerando que a identidade de um grupo não pode ser medida apenas por um conjunto de traços culturais diferenciadores, mas pela localização desses traços pelos membros dos grupos, que utilizam esses mesmos para afirmarem e manterem uma distinção cultural. Logo, a cultura passa a ser uma herança social que se transmite de múltiplas formas, e que não se detém e não se molda apenas pelas suas representações simbólicas que ela própria representa, mas dimensiona-se conforme as interações sociais que os indivíduos dos grupos assumem através da sua própria dinâmica social (Hall, 2006). As culturas moldam a identidade permitindo optar entre várias identidades, dando sentido às experiências individuais e coletivas por meio da subjetividade, formando assim um processo de identificação cultural, como um sentimento de pertencimento perante aquilo que afirmamos quem somos, ou ao grupo a que pertencemos, ou ainda, se existe uns nós, ou um outro, que não faz parte dos nossos (Cucho, 2004; Santos, 2011; Woodward, 2000).

4. Dimensões sociais e culturais: interação, integração e fronteira

Tratando-se das dimensões culturais e sociais da sociedade gibraltina, deve-se considerar também para esta análise, os processos de interações sociais e integração, considerando que, é no campo da construção das identidades que as interações sociais se estruturam e se posicionam na sociedade, desenvolvendo a comunicação e a compreensão mútua entre os indivíduos, grupos e culturas, permitindo que as interações harmonizem-se. Deste modo, as interações sociais passam a ser produtoras de identidades que, dimensionadas pelos sujeitos, utilizam estratégias identitárias para encontrar às melhores posições nos contextos sociais, que por sua vez são importantes para a relação de poder, orientando e guiando a si mesmo e a reação dos outros (Strauss, 1999).

Por outro lado, as identidades são também o resultado da socialização entre os indivíduos, e construídas tanto pelo processo de diferenciação quanto pelo processo de integração, onde os atores sociais vão formando as suas pertenças regulando assim, as relações com outros grupos (Abranches, 2007). Para Berger e Luckmann (2005), a integração social é também um processo de socialização que se manifesta como uma consciência da existência do outro, passando por um processo de reconhecimento, além de estar sempre em movimento, entre a sociedade, a identidade e a realidade. Os indivíduos assumem que os papéis sociais e as instituições sociais mantêm uma relação de trocas sociais, onde um não se estrutura sem o outro, e onde o sujeito participa de um mundo social por meio de uma dialética relacional. Quer dizer, a integração social acaba dimensionado a fronteira daquilo que o indivíduo interioriza e daquilo que conscientiza no seu meio social.

Outro fator importante, como forma dinâmica de integração, é a delimitação do espaço como fronteira territorial, o qual remete a negociação de valores de construção que estruturam as identidades, estabelecendo particularidades, como o reconhecimento de um sentimento de pertencimento e coletividade territorial. As fronteiras, antes de serem limites geográficos, são marcadores simbólicos e mediadores das interconexões entre si e o outro, como espaços de interação e comunicação entre os sujeitos orientando assim as construções identitárias, (Gusmão, 2008; Souza, 2014). É o caso da fronteira entre Gibraltar e Espanha, um território de pequena dimensão e cercado de água, onde o único elo de fronteira é uma estreita faixa de terra que se une com Espanha, o que confirma essa relação de troca, de intercâmbios com seus habitantes da região. Compreender a questão fronteiriça é essencial para a análise e compreensão da identidade dos residentes de Gibraltar, não apenas pelo seu aspeto histórico-político, e condição geográfica, mas também pela pluralidade de origens culturais, linguísticas e religiosas. E é essa condição de fronteira porosa, que permitiu que essa dinâmica económica e social fosse algo quase que necessário, constituindo, assim, esse tecido social híbrido que é hoje Gibraltar (Constantine, 2009).

5. A sociedade gibraltarina: mestiçagem e hibridismo

Como a população de Gibraltar, culturalmente, resulta de diferentes regiões, os termos mestiçagem e hibridismo são igualmente importantes para se possa compreender melhor como ocorrem os processos de mestiçagens entre as culturas, uma vez que, ambos os termos entrelaçam-se cada vez mais no campo teórico da pluralidade identitária e suas interações, assim como no campo simbólico das fronteiras culturais. Junior (2000:20) considera que toda a matéria cultural inicialmente é híbrida, e justaposta com tensões e elementos de natureza contraditória. Por outro lado, a mesma referência de cruzamento entre culturas e povos é atribuída mais tarde com a denominação de mestiçagem, como coisas que se misturam, atribuindo ao Mediterrâneo a origem de um mundo mestiço. Portanto,

ambas as expressões referem-se ao mesmo campo de significação, como um processo de mistura de populações, culturas e línguas e, como um fenómeno de cruzamento (Madeira, 2005).

Para Laplantine e Nouss (2002:8), a utilização do termo mestiçagem “contradiz precisamente a polaridade entre mestiço e puro, ou entre o homogéneo e o heterogéneo. Ela oferece-se como uma terceira via entre a fusão totalizadora do homogéneo e a fragmentação diferenciadora do heterogéneo. A mestiçagem é uma realidade complexa cujos componentes mantêm a sua integridade”. Deste modo, relacionar os dois termos, tanto como hibridismo como mestiçagem, remete para uma fronteira daquilo que se separa, mas também daquilo que se une. Falar de mestiçagem ou hibridismo é falar sempre na dinâmica da pluralidade entre culturas.

Para que se possa dimensionar melhor a pluralidade de origens culturais dos residentes de Gibraltar, conforme as fontes do próprio governo de Gibraltar, o registo eleitoral de 1995 da Câmara dos Deputados revelou a origem de cerca de 19.000 pessoas, todos adultos elegíveis para votar nas eleições de Gibraltar da época. No registo constam cerca de 2.005 apelidos diferentes, sendo classificados nas seguintes categorias: genovês (italiano), judeu, minorquino, português, britânico, espanhol, maltês, indiano, marroquino. Também obtém um pequeno número de outras nacionalidades. O fator determinante é o reconhecimento da família do país de onde veio para Gibraltar. A realização do primeiro censo em Gibraltar data de antes do século XVIII, sendo que, o censo mais antigo que sobreviveu de toda a população civil data de 1753. Os resultados foram os seguintes: britânicos 434; genoveses 597; judeus 575; espanhóis 185 e portugueses 25. Dez anos depois, em 1777, o Censo ficou mais complexo. A partir de 1970, os censos passaram a ser classificados de forma diferenciada: gibraltinos, outros britânicos, principalmente ingleses, marroquinos e outras nacionalidades, conforme mostra a tabela seguinte.

	1970	1981	1991	2001
Gibraltarians	18,873	19,825	20,022	22,882
Other British	3,001	3,706	3,811	2,627
Moroccans	2,798*	2,140	1,798	961
Other Nationalities		808	1,072	1,025
Total Usually Resident Population	24,672	26,479	26,703	27,495
Families of Servicemen	2,161	2,265	1,371	745**
Visitors and Transients	1,132	872	1,010	3,983
Total Population Present on Census Night	27,965	29,616	29,084	31,623

Tabela 1: Censo de Gibraltar

Fonte: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/gibraltar-census-history>

6. O contexto da investigação

Para alcançar os objetivos e conhecer em que consiste o ser gibraltino, a opção metodológica recaiu sobre a metodologia qualitativa, especificamente na realização

de entrevistas em profundidade, sendo que, a metodologia qualitativa permite aprofundar em áreas temáticas mais sensíveis ou em territórios difíceis de entrar, privilegiando assim, a análise dos micros processos e o estudo das ações sociais, tanto individuais como grupais na sua forma mais sincrética (Brantes, 2013). Tendo em conta a falta de trabalhos científicos anteriores sobre a identidade dos residentes de Gibraltar, optou-se pelo estudo exploratório, que é o mais indicado como modalidade de investigação, no sentido de buscar um conhecimento maior sobre o objeto de estudo. Ora, nos estudos exploratórios não elaboram-se hipóteses, existe apenas a identificação de objetivos, na tentativa de procurar mais informações sobre um determinado assunto de estudo. Igualmente optou-se pelas entrevistas semi-estruturadas, considerando que, estas permitem a recolha de dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, possibilitando ao investigador desenvolver de forma intuitiva uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo (Bardin, 2009).

A elaboração do guião de entrevista foi uma tarefa complexa devido à grande pluralidade de temas relacionados as diferentes origens culturais, bem como à variedade de perfis e idiomas falados pelos entrevistados/as. Os objetivos e tópicos apresentados através do guião foram: tentar conhecer as relações pessoais e familiares e quais são as histórias pessoais em relação a Gibraltar; se são nativos e há quanto tempo vivem em Gibraltar; ou se são simplesmente trabalhadores transfronteiriços¹⁸. Também procurou-se conhecer quais os diferentes grupos sociais e quais são as suas particularidades e suas semelhanças. Assim como, quais são os seus sentimentos de pertença e como as conjugam; quais são as suas perspetivas pessoais sobre Gibraltar tratando-se de fronteira; o Brexit¹⁹ e o seu futuro político, além do orgulho em ser gibraltarinu. Na construção do registo de informação sociodemográfica dos entrevistados/as teve-se em conta vários critérios como, nomeadamente o género, a idade, a escolaridade, o local de nascimento, a profissão, origens dos pais e religião para que a diversidade que pudesse ser reveladora de diferentes perfis e percursos de vida e trajetórias sociais e ter em conta as origens culturais e religiosas.

Um critério importante, tratando-se dos residentes gibraltarinu, tem que ver com os que procedem de outros lugares e culturas e partilham o facto de se sentirem britânicos, como é o caso dos ingleses, que deslocam-se para Gibraltar devido às oportunidades de oferta de mão-de-obra especializada que Gibraltar proporciona; os de origem indiana, que sentem-se mais identificados com a cultura britânica e o idioma inglês; os marroquinos, pela proximidade geográfica e pela constante

¹⁸ Trabalhadores transfronteiriços são aqueles que trabalham em um país e residem em outro país, fronteiriços. Informação disponível em: https://europa.eu/youreurope/citizens/work/work-abroad/cross-border-commuters/index_pt.htm

¹⁹ Este trabalho foi realizado antes dos resultados do Brexit, portanto não estão referenciados as suas consequências.

necessidade de mão-de-obra, considerando o intercâmbio com o comércio com Gibraltar; os judeus, pela influência da grande comunidade judaica existente em Gibraltar desde o início de sua história, bem como outros grupos de diferentes nacionalidades procedentes da União Europeia, que cada vez mais, optam por viver ou trabalhar em Gibraltar pela atrativa oferta de mão-de-obra qualificada.

Os que trabalham em Gibraltar mas não são residentes, ou os trabalhadores fronteiriços, foram considerados nesta análise pela importância que exercem na cultura gibraltarina, não apenas do ponto de vista quantitativo, sendo que esses trabalhadores são atualmente em média praticamente um terço da população em termos proporcionais,²⁰ assim como do ponto de vista também qualitativo. Devido ao tempo que estão conectados com Gibraltar por questões laborais, estes entrevistados, interagem com os demais residentes, criando laços sociais e despertando uma certa identificação com os residentes de Gibraltar. Um dos principais motivos que levam esses trabalhadores fronteiriços a optar por não viver em Gibraltar é a falta de espaço físico, tratando-se de moradia, o que praticamente os obriga a atravessar a fronteira e viver no lado espanhol. Outro critério importante de seleção é a idade dos entrevistados/as, que variou entre 26 a 73 anos, sendo que a maioria tem idades superiores a 50 anos²¹.

Os/as entrevistados/as possuem altos níveis de escolaridade²² (dos 17 entrevistados/as, apenas 6 não possuem nível universitário). Para além, daqueles que nasceram ou residem em Gibraltar e aproveitam a gratuidade do ensino universitário pelo governo de Gibraltar, quase todos os demais entrevistados que trabalham ou vivem em Gibraltar, e que possuem também um alto nível de escolaridade, encontram-se lá pela necessidade de mão-de-obra estrangeira qualificada na área da indústria dos jogos *online*, e outros setores da economia, como as finanças, o direito e a informática, setores estes, que na sua maioria exige um nível de escolaridade mais elevado, oferecendo também salários mais atrativos. O critério local de nascimento para a seleção de entrevistados, incluindo as origens dos pais e mães, foi um dos mais variados. Conseguiu-se a representatividade de entrevistados/as de diferentes origens culturais e geográficas: indiana, gibraltarina, britânica, espanhola, francesa, dominicana, inglesa, francesa, iraniana, espanhola, angolana e marroquina e judaica. Quanto ao critério religião, a maioria dos entrevistados/as declara pertencer à religião

20 Fonte disponível: <https://www.gibraltar.gov.gi/statistics/key-indicators>

21A presença em maior número de entrevistados/as de idades mais avançadas deve-se à ausência de jovens na época do ano em que foram realizadas as entrevistas (entre janeiro e junho de 2018), e pelo facto de uma grande parte destes jovens, se encontram fora do território de Gibraltar, mais precisamente, na Inglaterra, dado que o ensino superior ou universitário é totalmente financiado pelo governo de Gibraltar.

22

Informação disponível em: <https://www.gibraltar.gov.gi/new/department-education#ancla8>
"Higher education Degree and higher national diploma courses are followed at United Kingdom universities, in the main.

católica, independente das origens religiosas dos pais e familiares, como é caso daqueles que têm origem judaica, mas acabaram por perder a tradição religiosa, por casarem com cônjuges de outra religião, ou são filhos de uniões de casamentos mistos.

Para conhecermos os perfis sócio biográficos dos entrevistados/as realizou-se uma grelha de análise dividida em onze critérios. Foram realizadas 17 entrevistas (10 homens e sete mulheres), A idade dos entrevistados dos entrevistados/as varia entre os 26 a 74 anos. Sendo que sete entrevistados têm acima de entre 60 e 70 anos (cinco homens e duas mulheres); sete entrevistados têm entre 40 e 60 anos (quatro homens e três mulheres) e três têm entre entrevistados entre 20 e 40 anos (duas mulheres e um homem). Em relação ao estado civil, a maioria dos entrevistados/as é casada (oito homens e quatro mulheres), três divorciados (um homem e duas mulheres) e dois solteiros (um homem e uma mulher). No que se refere a filhos, apenas dois entrevistados/as não têm nenhum filho (um homem e uma mulher). Os demais entrevistados/as possuem filhos, entre um a dois filhos (cinco homens e cinco mulheres), acima de três filhos três entrevistados/as (uma mulher com dois homens, um homem com cinco filhos, e outro com seis filhos). Subsiste uma alta escolarização entre os entrevistados/as: nove entrevistados/as têm licenciatura possuem nível académico de licenciado (seis homens e três mulheres), um mestrado uma (uma mulher), quatro nível secundário (três homens e uma mulher), um técnico superior (um homem) e 10.º ano (um homem). Quanto à profissão desempenhada, contabilizamos dois contabilistas (dois homens), três reformados (homens), uma enfermeira, dois advogados (homens), dois arquitetos (um homem e uma mulher), duas empresárias (mulheres), uma professora, um diretor da Câmara do Comércio, uma diretora de empresa, uma comerciante e um profissional de limpeza.

Sobre o local de residência, dos 17 entrevistados/as, quatro vivem em Espanha (dois homens e duas mulheres) e 13 vivem em Gibraltar, entre residentes e nativos (oito homens e quatro mulheres). Em relação à origem de nascimento, nasceram em Gibraltar quatro entrevistados/as (quatro homens e uma mulher), quatro na Inglaterra (dois homens e duas mulheres), dois em Espanha (uma mulher em Melilha e um homem em La Línea), 2 entrevistados na Índia (Goa) (uma mulher e um homem), um homem em Angola, um um homem em Marrocos, um homem em Israel, uma mulher na Alemanha e uma mulher na República Dominicana. Em relação a origem dos pais e mães dos entrevistados/as distinguimos: i) Aqueles que são nativos e nasceram em Gibraltar (3 homens e 1 mulher), as origens variam, desde a portuguesa, passando pela gibraltarina, a espanhola, a inglesa, a francesa e a judaica. ii) Dos que nasceram na Espanha, sendo que, um deles viveu toda sua vida em Gibraltar, as origens são a espanhola e a judaica. Outra entrevistada, também espanhola, declarou que os pais são espanhóis. iii) Dos que não nasceram e apenas vivem em Gibraltar, um entrevistado indiano nasceu em Goa e tem pais de origem indiana e portuguesa.

Outra entrevistada nasceu na Índia e tem pai e mãe de origem indiana. Outra entrevistada nasceu na República Dominicana, o pai é dominicano de origem libanesa e a mãe é de origem dominicana. Outro entrevistado nasceu em Israel, mas a origem do pai e mãe é francesa. Uma das entrevistadas que nasceu na Alemanha, sendo o pai é de origem alemã e a mãe de origem russa. Outra entrevistada que nasceu em Inglaterra, declarou que os pais são de origem iraniana. Dois entrevistados que nasceram na Inglaterra e a sua origem é britânica. Um inglês nasceu na Inglaterra e a origem dos pais é espanhola. Outro entrevistado nasceu em Marrocos e a origem dos pais é marroquina. Um outro entrevistado que nasceu em Angola, o pai é de origem angolana e a mãe é portuguesa. Quanto à religião, 13 são católicos (oito homens, cinco mulheres), um judeu (um homem), um muçulmano (um homem), uma hinduísta (uma mulher), uma bahaísta (uma mulher) e um sem religião (um homem).

7. O ser gibraltarinho na contemporaneidade

Conforme a caracterização dos perfis dos entrevistados/as, foi possível comprovar uma ampla diversidade de origens e procedências culturais, embora, a população nativa apresenta maiores laços culturais com a cultura inglesa e espanhola devido ao seu passado histórico, colonial e fronteiro com a Inglaterra e a Espanha. Portanto, a identificação cultural parece ser um fator determinante para a formação das identidades, uma vez que transmite um sentimento de pertencimento em relação aos outros, ou daquilo que afirmamos quem somos ou ao grupo a que pertencemos (Santos, 2011). Igualmente tentamos conhecer a trajetória pessoal dos entrevistados/as, como quem são, onde nasceram e quais são as razões por viver ou trabalhar em Gibraltar. As ligações familiares, as mestiçagens entre casamentos e as procedências de diferentes origens culturais parecem ser algo comum entre os entrevistados/as.

Sou alemã de origem e conheci o meu marido, que é daqui de Gibraltar na Arábia Saudita. Vivo aqui há 30 anos, vim para ficar 2 mas acabei por ficar 30 anos. (Mulher, 53 anos, professora, alemã, pai alemão, mãe russa).

Eu tenho muito orgulho, aqui não se pode ter melhor vida, ganha-se bem aqui, depois pode-se pegar férias para ir em teu país. Quero continuar vivendo aqui, tenho já meus irmãos que vivem comigo, minha esposa, toda minha família está aqui. (Homem, 49 anos, comerciante, indiano, mãe indiana de origem portuguesa, pai indiano).

Eu nasci aqui, e minha mãe era inglesa e meu pai espanhol. (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinho, pai espanhol e mãe inglesa).

Sim, sou de Gibraltar, a minha família é daqui, mas sou de origem portuguesa. (...). Sempre vivi aqui, o meu pai, e o pai do meu pai (avô). (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarinho, pai gibraltarinho de origem portuguesa e mãe gibraltarina).

Constatou-se também que, para a maioria dos residentes e não-residentes, o principal motivo de estarem em Gibraltar foi a oportunidade laboral oferecida pela atrativa economia de Gibraltar, no qual sempre esteve voltada para a contratação de mão-de-obra estrangeira, desempenhando também um papel importante na integração dos seus residentes. Vejamos o seguinte excerto.

As condições de trabalho em Gibraltar são boas, os salários são bons, os contratos são bons, e os trabalhadores têm muito direitos, e se não contratas bem um trabalhador em Gibraltar eles multam as empresas. São muito exigentes com as empresas, acho isso muito bom! (Mulher, 52 anos, empresaria, inglesa, pai inglês, mãe inglesa).

Como afirma Magano (2012) é no convívio diário e nas interações entre culturas que os processos de socialização vão dando forma à construção dos processos identitários e à mestiçagem cultural, desenvolvendo competências interculturais que permitem que as interações sociais harmonizem-se entre indivíduos e culturas. Nas questões abordadas sobre o contacto social e a frequência entre os grupos sociais, verificou-se que praticamente todos os entrevistados/as confirmaram que não tinham nenhum tipo de atrito ou desconforto em frequentar grupos de diferentes culturas, incluindo os grupos religiosos.

Tenho muitos amigos marroquinos por fazer parte da comunidade, e tenho muitos amigos gibraltarinos, hebreus e de tudo. (Homem, 74 anos, reformado, marroquino, pai marroquino, mãe marroquina).

No que diz respeito à convivência e à integração na sociedade gibraltarina, quase todos os entrevistados/as reconhecem a existência de uma harmonia e uma integração entre os diferentes grupos culturais. Muitos, inclusive, reconhecem que essa harmonia é algo excepcional, embora alguns afirmem que a comunidade judaica esteja a tornar-se mais condicionada ao isolamento por influências externas, mesmo havendo ainda um bom convívio entre as comunidades religiosas.

Quando caminhas pela rua principal, vês sempre os judeus a falar e a conversar com os muçulmanos e católicos, nota-se que não apenas cumprimentam-se entre si, mas falam e conversam-se entre si. É que percebe-se que eles se conhecem e que há um contacto entre eles. (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Na verdade, eu sempre fiquei bastante impressionado com a harmonia que há aqui. As pessoas aqui possuem a capacidade de aceitar os outros como eles são, pelo menos é o que se nota aparentemente quando se chega aqui. (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Sendo assim, pode-se dizer que é nos processos de integração social que as normas sociais acabam incorporando-se como uma forma de identificação social, onde os atores sociais vão compondo as suas pertenças por meio de suas diferentes formas de interação social. Ao mesmo tempo que, diferenciam também automatizam

as suas relações com outros grupos e construindo, assim, suas próprias identidades (Abranches, 2007). O Yanito, língua específica dos gibraltarinos, é considerado uma das pertenças mais significativa para os gibraltarinos, não apenas pela frequência do uso do idioma inglês e do espanhol ao mesmo tempo, dependendo dos contextos em que se encontram inseridos, mas, igualmente pela atribuição àqueles que nascem no território de Gibraltar, como uma denominação ou uma forma gentilícia. Ou melhor, o Yanito, não releva apenas numa mistura de idiomas, mas um entrecruze de mestiçagem ou de hibridização cultural, que certamente continuará configurando a cultura e a identidade gibraltarina. Como descreve um entrevistado que nasceu em Gibraltar:

Como se pode definir o yanito e diferenciar de outras culturas? Yanito somos todos! É um nome que nos colocaram e nem sabemos de onde vem! (Homem, 68 anos, reformado, gibraltarino, pai gibraltarino de origem portuguesa, mãe gibraltarina).

Outro entrevistado também confirma esse sentimento de identificação:

Eu me identifico como um gibraltarino mesmo, eu não posso ser de um lado e nem do outro. Tenho as duas culturas, o que é muito bom (...). Isso é o bonito de Gibraltar, é que temos essas duas culturas. (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarino, pai espanhol e mãe inglesa).

Para outra entrevistada, ser yanito é sentir o que somos.

O significado de yanito para mim é como tu te crias (...). Para mim ser yanito é assim, é aquilo que sentimos o que somos. (...) é uma forma de viver, porque os ingleses não vivem como nós, vivem diferentes, os espanhóis também não vivem como nós. Acho que é um cocktail de tudo! (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarino de origem judaica, mãe espanhola).

Um dos residentes entrevistados também chegou a mencionar que:

Yanito é algo diferente e que se poderia escrever muitas linhas para o seu significado (Homem, 53 anos, inglês, funcionário da câmara do comércio, pai inglês, mãe inglesa).

Essa forma tão mista e plural de ser e ao mesmo tempo tão única é descrita por um dos residentes também:

Acho que é um automatismo ligado a essa forma bicultural deles. Acho que não é uma contradição, mas sim uma mistura. Na verdade, é uma expressão dessa mistura. (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Considerando que a língua é um sistema social que não se limita apenas em expressar os nossos pensamentos que internalizam em nós, mas ativa uma série de significados que são socialmente construídos, nos quais encontramos imersos nos nossos sistemas culturais (Hall, 2006). Além da influência dos idiomas partilhados

entre o inglês e o espanhol, também tentou-se averiguar até que ponto a influência das culturas inglesa e a espanhola interferem na cultura gibraltarina.

Conforme as narrativas dos entrevistados/as, para as coisas formais, as leis e governo predomina o idioma e a influência inglesa, enquanto o espanhol parece mais evidente em coisas informais, como o comportamento, o trato entre eles, a comida e determinados costumes.

Acredito que um pouco de tudo, talvez metade de uma e de outra, para certas coisas mais a cultura espanhola, para outras mais a cultura inglesa. A comida é mais espanhola, mas a forma de trabalhar é mais inglesa. A forma de vestir, e também essa forma mais calorosa de falar, o trato com as pessoas. A cultura inglesa, não sei, mas coisas do governo, as leis são mais parecidas com a Inglaterra. (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano origem libanesa, mãe dominicana).

Uma mistura das duas, depende! Por vezes, a convivência informal é mais espanhola, mas na convivência profissional é mais britânicas. Mas no dia-a-dia, eu acho que são mais latinos e mais espanhóis. (Homem, 41 anos, contabilista, português, pai angolano, mãe portuguesa).

Como se pode perceber, este entrelaçado de culturas, ou essa mestiçagem cultural, não pode ser considerada apenas como uma confluência de duas culturas, mas como um processo de adaptação e ressignificação ou, como um processo de tradução cultural (Hall, 2006), no qual ocorre uma adaptação às matrizes culturais, que se vão diferenciando pelas suas origens e construindo conforme sua representatividade. Um dos objetivos deste projeto foi tentar apurar quais eram as perspectivas em relação ao futuro de Gibraltar tratando-se de soberania, fronteira, situação económica e brexit. Primeiramente, tentou-se averiguar quais são as perspectivas sobre Gibraltar, se deveria continuar a ser britânico, voltar a ser espanhol ou ser independente como uma nação própria. Devido às constantes tentativas de negociação e de retomada de soberania por parte do governo espanhol em relação ao território de Gibraltar, foi possível perceber um sentimento de insegurança em praticamente em todos os entrevistados/as e que Gibraltar deveria continuar pertencendo ao Reino Unido, considerando a melhor opção atualmente.

Da minha parte gostaria de ser independente, mas aqui não podemos almejar isso, porque não temos condições, a única opção que temos é continuar pertencendo ao Reino Unido. (Mulher, 69, enfermeira, gibraltarina, pai gibraltarinu de origem judaica, mãe espanhola).

Para um dos entrevistados, os gibraltarinos querem pertencer ao Reino Unido devido ao sentimento de rechaço pelo fato de voltarem a ser espanhóis:

Os gibraltarinos se identificam com o Reino Unido mais pela reação da rejeição da Espanha, sobretudo o desejo de forçar os gibraltarinos de serem espanhóis (...), e a reação deles é: somos tudo menos espanhóis! (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Como a fronteira de Gibraltar com Espanha possui um papel pertinente na história social e cultural dos seus residentes, igualmente procurou-se saber se esta deveria continuar existindo, independente dos atritos frequentes entre ingleses e espanhóis. A maioria dos entrevistados/as, acredita que a fronteira deve continuar existindo como forma de proteção, segurança e até mesmo como uma forma de identificação.

Acredito que a fronteira deve continuar a existir, ela nos protege, nos identifica... (Homem, 61 anos, advogado, gibraltarinu, pai gibraltarinu origem francesa, e mãe gibraltarina origem judaica).

Outra questão é o destino económico e fronteiriço de Gibraltar, com a saída do Reino Unido a União Europeia, que parece despertar mais a preocupação entre nativos do que os demais entrevistados/as.

Nós não queríamos sair, Gibraltar votou que não, porque recebemos muitos benefícios da UE, mas se a Inglaterra decidiu que devemos de sair, temos de sair, e se sairmos, eles têm de nos ajudar. (Homem, 70 anos, reformado, gibraltarinu, pai espanhol e mãe inglesa).

Outro entrevistado residente, casado com uma nativa, confirma que apesar de, a preocupação por parte dos residentes com a saída de Gibraltar da União Europeia, existe uma certa capacidade de adaptação e de resiliência por parte dos residentes, sobretudo nos aspetos económicos:

O sucesso económico de Gibraltar foi ter sempre utilizado dois sistemas económicos. Eles conseguem pegar sempre o melhor dos dois, como foi com a cultura deles, e eles tiveram a escolha, eles tinham a cultura latina, e a cultura britânica, e eles pegaram dos dois o que era melhor para eles. E eles conseguiram quase fazer um sistema de vanguarda. (Homem, 35 anos, advogado, israelita, pai francês, mãe francesa).

Sendo Gibraltar um território influenciado por várias culturas e sujeito à constante mudanças de adaptação, igualmente tentou-se averiguar, quais são as expectativas dos entrevistados/as a respeito da sociedade gibraltina e, se quais são os seus sentimentos de identificação com o território. Se pretendem continuar a viver em Gibraltar, e o que mais gostam e o que menos gostam. Quanto aos aspetos positivos, os depoimentos foram bastante variados em relação daquilo que mais gostam de Gibraltar, como a tranquilidade e a liberdade, a tolerância cultural e religiosa, a qualidade de vida, ambiente familiar, clima e situação geográfica de Gibraltar, bem como as boas condições de trabalho e solidariedade entre os gibraltinos.

O que mais eu gosto é quando sinto que vivo numa grande família, e que essa família é diversa e que possui diferentes crenças e religiões, e que os ateus também podem viver aqui perfeitamente e não acontece nada, e que há liberdade. (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltarinu, pai origem judaica, mãe espanhola).

Em relação aos aspetos negativos ou o que menos gostam e acreditam que devam mudar, a falta de espaços verdes, problemas de limpeza e construção urbana, como

o excesso de construções de edifícios, falta de estacionamento e atrasos e filas na fronteira com Espanha. Outro aspeto a ser considerado é que quase todos os entrevistados, incluindo nativos e residentes, pretendem continuar morando em Gibraltar:

Eu nasci aqui e aqui quero morrer. (Homem, 70 anos, aposentado, gibraltino, pai de origem espanhola e mãe inglesa).

Sim, gosto muito. Temos intenções e planos de ficar aqui, pelo menos até que minhas filhas terminem a faculdade. Acho que não vamos sair daqui. (Mulher, 37 anos, empresária, dominicana, pai dominicano de origem libanesa, mãe dominicana).

No que se refere ao sentimento de identificação de se sentir ou não gibraltino, quase todos os perfis reconhecem o forte sentimento de orgulho em poder viver numa sociedade com tanta diversidade e, ao mesmo tempo, com tanta empatia pelo outro:

Eu sinto muito orgulho de viver aqui. (Mulher, 69 anos, enfermeira, Gibraltar, pai de origem judaica de Gibraltar, mãe espanhola).

Sinto que faço parte de uma comunidade multicultural, que faz um grande esforço para se integrar, (...), e que aceita viver com pessoas que descendem de outras culturas, classes económicas, ideias políticas, convicções religiosas incluindo aqueles que são muito diferentes de suas próprias convicções, e aceitam a todos como uma parte deles. É como uma grande família, diversificada, que se toleram, mais ainda que se toleram, orgulham-se em estar entre pessoas diferentes. (Homem, 73 anos, arquiteto, gibraltino, pai origem judaica, mãe espanhola).

8. Conclusão

A sociedade gibraltina foi construída pelo entrecruzamento de uma série de fatos, acontecimentos, e fenómenos sociais, para além de suas características geopolíticas estratégicas e sua história colonial de disputa de soberania entre Espanha e Inglaterra. A sua diversificação económica e o seu sistema colonial britânico, também permitiram um livre comércio voltado para a contração da mão-de-obra estrangeira, transformando os seus limites territoriais e fronteiriços em zonas híbridas e estimulando uma constante interação com outros grupos culturais, influenciando assim, diretamente o processo de miscigenação de seus habitantes. Contudo, foram as suas pertenças culturais, linguísticas e religiosas, que mais contribuíram para a construção identitária dos seus residentes. Sejam estas, por meio da permissão de vários cultos religiosos desde o início de sua história, desenvolvendo um sentimento de tolerância religiosa no território. Ou pelo reconhecimento de se sentirem britânicos e mais independentes e menos vulneráveis nas questões de soberania, mesmo pertencendo a um sistema colonial. E sobretudo, por esta mestiçagem de línguas, como é o caso do yanito, desenvolvendo uma pertença local, reconfigurando

assim, uma forma de sentirem-se únicos e ímpares diante da imposição de duas culturas tão colonizadoras, como ocorreu com a cultura inglesa e espanhola.

Portanto, uma cultura própria, local ou específica, como é o caso da cultura gibraltarina, não pode estar sempre associada de forma semelhante ou oposta a uma cultura dominante, considerando que, as interações entre as culturas são sempre muito mais relacionais e identificadoras entre aquilo que é comum e aquilo que é diferente entre os seus integrantes, do que muitas vezes, as suas próprias dimensões de espaço e tempo. E serão essas identificações, ou melhor, a dinâmica dessas identificações que continuarão determinando e guiando suas pertences, mesmo que, mediante a um futuro próximo as suas condições políticas ou sociais voltem de novo a mudar. Deste modo, o ser gibraltino será sempre o resultado destas confluências de culturas, que diferenciadas por seus sentimentos de pertencas e expressões culturais, continuarão fazendo parte de sua complexa e específica forma de ser e estar no seu meio social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abranches, Maria (2007). *Pertenças fechadas em espaços abertos - Estratégias de (re) construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal*. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Archer, Edward. G. (2006). *Gibraltar, identity and empire*. London and New York: Routledge.
- Ballantine, Jennifer & Canessa, Andrew (2016). Gibraltarian oral histories: Walking the line between critical distance and subjectivity. *Life Writing*, 13:2, 273-283.
- Bardin, Laurence (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barth, Fredrik (2005). Etnicidade e o conceito de cultura. *Antropologia Política, Niterói*, n. 19, 2, 15-30.
- Berger, Peter & Thomas Luckmann, T. (1999). *A construção social da realidade*. Lisboa, Dinalivro.
- Brantes, Hélio (2013). Busca por uma metodologia de pesquisa em poéticas visuais. In Monteiro, R. H. & Rocha, C. (Orgs.). *Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura* (603-611). Goiânia: Universidade Federal de Goiânia. Disponível em: https://seminarioculturavisual.fav.ufg.br/up/778/o/2013077eixo2_Hélio_Renato_Silva_Brantes.pdf
- Castells, Manuel (1999). *O poder da identidade*. Vol II. São Paulo: Paz e Terra.
- Constantine, Stephen (2009). *Community and identity. The making of modern Gibraltar since 1704*. Manchester: University Press.
- Cuche, Denys (2004). *A noção de cultura nas ciências sociais*. Lisboa, Fim de Século.
- Elias, Nobert (1994). *A sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Gilotay, Sandra (2018). *Ser gibraltino: estudo exploratório sobre a cultura e identidade dos residentes de Gibraltar*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais apresentada à Universidade Aberta Porto: Universidade Aberta.
- Hall, Stuart (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Hall, Stuart (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Media and Cultural Regulation*, Vol. 22, 1-23.
- Giddens, Anthony (1990). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP.
- Giddens, Anthony (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gold, Peter (2010). Identity formation in Gibraltar: Geopolitical, historical and cultural factors. *Geopolitics*, 15 (2), 367-384.
- Goffman, Ervin (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Gusmão, Neusa (2008). Antropologia, estudos culturais e educação: desafios da modernidade. *Proposições*, v. 19, n. 3 (57), 47- 82.

- Junior, Abdala (2002). *Fronteiras múltiplas, identidades plurais. Um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural*. São Paulo: Editora Senac.
- Kaufmann, Jean (2004) *A invenção de si: Uma teoria da Identidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Laplantine, François & Nouss, Alexis (2002). *A mestiçagem*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maalouf, Amin (2015). *Les identités meurtrières*. Paris: Édition Bernard Grasset.
- Madeira, Cláudia (2005). Da mestiçagem e do hibridismo — uma categorização crítica. *Análise Social*, vol. XL, n.º 177, 950-955.
- Magano, Olga (2012). Pluralidade e reconfiguração da identidade cigana em Portugal. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXIII, 251-268.
- Ólafsdóttir, Lára F. (2016). *Gibraltar. Un territorio bilingue*. Háskóli Íslands Hugvísindasvið Spænska. Erla Erlendsdóttir Janúar. Skeman, 1-29.
- Santos, Luciano. (2011). As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. *Revista Rascunhos Culturais*, v2. n.4, 141-157.
- Souza, Mariana (2014). Fronteiras simbólicas - Espaço de hibridismo cultural, uma leitura de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. *Letrônica, Porto Alegre*, v. 7, n. 1, 475-489.
- Strauss, Levi. (1999). *Espelhos e máscaras*. São Paulo: Edusp.
- Woodward, Kathryn (2000). Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Silva, Tomaz T. da (Org.) *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais (07-72)*. Petrópolis: Vozes.

Sandra Borges Gilotay. Doutoranda em Relações Interculturais, Universidade Aberta, Portugal. Membro do Instituto de Estudos Campogibaltareños, Espanha. Instituto de Estudios Campogibaltareños, Parque de las Acacias s/n, 11207, Algeciras (Cádiz), Espanha. E-mail: sandragilotay@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0551-6463.

Olga Magano. Professora auxiliar da Universidade Aberta, Departamento de Ciências Sociais e de Gestão. É investigadora do Instituto Universitário de Lisboa, Centro de Investigação e Estudos em Sociologia. É membro da equipa do Observatório de Percursos Profissionais e Vida dos Diplomados da Universidade Aberta. Delegação Regional do Porto da Universidade Aberta Rua do Amial, nº 752, 4200-055 Porto, Portugal. Email: olga.magano@uab.pt. ORCID: 0000-0001-9661-6261.

Receção: 10-02-2020

Aprovação: 10-08-2020

Citação:

Gilotay, Sandra Borges & Magano, Olga (2022). Identidades, fronteiras e mestiçagens culturais. O caso dos residentes de Gibraltar. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), pp. 35-54. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n1a2